

## CANDOMBLÉ E OUTRAS PRÁTICAS RELIGIOSAS DOS AFRICANOS E DOS SEUS DESCENDENTES NOS OITOCENTOS

### META

Apresentar a diversidade de práticas religiosas de origem afro que existiam no século XIX

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

analisar as práticas religiosas dos africanos e seus descendentes através de dois líderes religiosos.

### PRÉ-REQUISITOS

o aluno deverá ter compreendido as repressões que sofreram algumas práticas culturais dos negros como o batuque. E revisar os conceitos de relativismo cultural e diáspora africana.

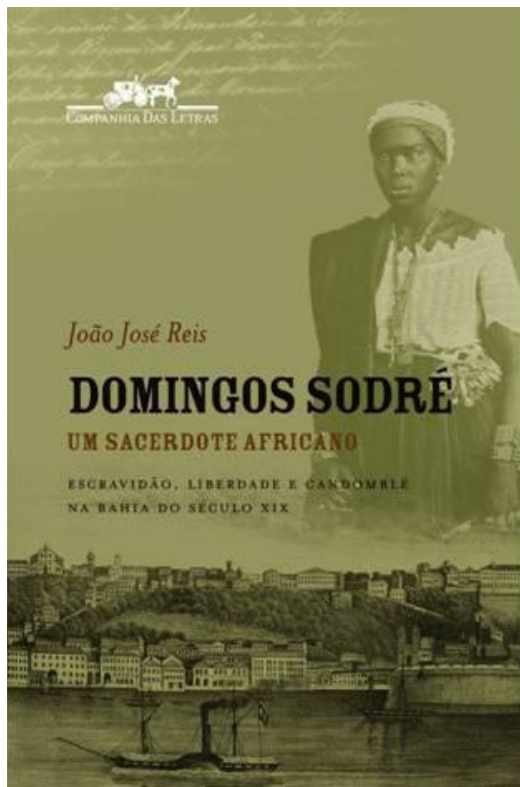


Ogun é o Deus da caça, filho primogênito da família dos caçadores, sendo por isso chamado de Tobí Odé. Senhor da guerra, grande general, donos das estradas. Ogun é também o asiwanjú, aquele que abriu todos os caminhos desta vida, o Orixá desbravador.

(Fontes: <http://oglobo.globo.com>)

### INTRODUÇÃO

O termo candomblé já aparece na documentação de algumas localidades, como em Salvador e no Recôncavo Baiano no século XIX, e era utilizado nessa época para definir crenças e práticas religiosas de origem africana, ou tidas como tal, bem como o local em que estas se realizavam. Infelizmente, muitas vezes, as informações que sabemos de algumas práticas de grupos marginalizados são através dos documentos produzidos nas repressões às citadas práticas, e o candomblé não é uma exceção. Assim os textos da história do candomblé ou de religiões que contribuíram para a sua formação, em boa parte vão debater as repressões que sofreram. Lembrando que a história dessa religião é permeada de repressões nos diversos momentos da história brasileira e com alegações distintas. Dentre elas temos a que era necessário extinguir os elementos da cultura afro para civilizar a nação.



Capa do livro de João José Reis sobre Domingos Sodré, um africano que veio para o Brasil, precisamente para Salvador, Bahia, e aqui conseguiu liberdade e ascensão social ao tornar-se curandeiro e adivinho.

(Fontes: <http://arquivologo.files.wordpress.com>)

Nesta aula trataremos de alguns líderes religiosos negros, africanos ou crioulos, e através da vida deles saberemos um pouco sobre essas práticas religiosas e as perseguições que sofreram. Os líderes são Domingos Sodré e o Juca Rosa. Viveram respectivamente no Recôncavo Baiano e em Salvador – Bahia e no Rio de Janeiro, capital da Corte. Também pontuaremos alguns elementos sobre Herculano que viveu em Laranjeiras, Província de Sergipe. Nas práticas religiosas do primeiro podemos perceber uma grande influência de práticas religiosas oriundas da África Ocidental, enquanto que no segundo uma mescla de elementos oriundos de diversos lugares, mas com destaque aos oriundos da África Central, mais especificamente do Reino do Congo e Angola, o último sabemos que era nagô, no entanto ainda não há trabalhos que analisem suas práticas.

## UM PASSEIO NA VIDA DE DOMINGOS SODRÉ

Para transitar na vida de Domingos Sodré, bem como no cotidiano da Salvador Oitocentista com seus inúmeros candomblés, pegaremos uma carona com **João José Reis** no seu livro *Domingos Sodré*, um sacerdote africano. Através deste livro ele traça uma biografia do africano Domingos Sodré e analisa as práticas religiosas dos africanos e seus descendentes em Salvador no período que Sodré viveu, bem como as repressões sofridas por esses personagens. A documentação utilizada foram os jornais, documentos policiais, cartorários como os inventários post-mortem, e eclesiásticos. Utilizou de leituras de africanistas e etnógrafos como Edison Carneiro.

Domingos Sodré nasceu em Lagos, na atual Nigéria, foi capturado e vendido a traficantes em circunstâncias desconhecidas, na Bahia tornou-se escravo num engenho de importante proprietário do Recôncavo, que com a sua morte o deixaria alforriado. Veio para o Brasil possivelmente entre 1810-11, com mais de vinte anos. Domingos Sodré foi um africano altamente influente na comunidade africana. Ele serviu no engenho de açúcar denominado Trindade, tem o sobrenome Sodré graças ao seu ex-senhor. Domingos casou-se duas vezes na Igreja Católica, pois ficou viúvo das primeiras núpcias, foi padrinho de muitos escravos e libertos. E fazia parte da Irmandade do Rosário da Rua de João Pereira. Eis um dos motivos para poder chamá-lo de ladino, pois introduziu os costumes existentes no Brasil aos seus. Depois de liberto, Domingos foi trabalhar na junta de alforria onde era chefe. Teve dois casamentos, o primeiro com Maria das Mercês Rodrigues e o segundo com Delfina. Sua casa em Salvador era na ladeira de Santa Teresa e morava nas vizinhanças do convento que dava nome à ladeira que morava, e do seminário arquiepiscopal, onde era formado o clero baiano. Ainda na sua vizinhança, no solar que residiu seus antigos proprietários morava Castro Alves e possivelmente sua escravaria conhecia o sacerdote Sodré. O local que ele residia permitiu a ele ver e usufruir de

### João José Reis

Historiador baiano, professor da Universidade Federal da Bahia e autor de diversos livros dentre eles *Rebelião Escrava no Brasil* e *A morte é uma festa*.

várias mudanças como a construção do Elevador Lacerda.

Domingos viveu no Brasil a maior parte do século XIX. Ele encontrou a região num momento de grande prosperidade, e esta atrelada a sua principal fonte de riqueza, a produção de açúcar. Na terra que o escravizou, viu acontecer e serem derrotadas, na primeira metade dos Oitocentos, dezenas de revoltas escravas nos engenhos do Recôncavo, em Salvador e suas imediações. Também testemunhou, entre 1820 e 1840, grandes transformações e abalos políticos recorrentes, a começar pelas lutas da independência, seguidas de movimentos antilusos, federalistas e republicanos, motins militares e até uma revolta popular contra a proibição dos enterros nas igrejas, a Cemiterada. Nas décadas seguintes, acompanhou a cidade da Bahia refazer seu tecido urbano com a abertura de ruas e construção de praças, a diversificação de seus meios de transporte, o crescimento de sua população, concomitante ao declínio da presença africana. Também viu as elites locais abraçarem projetos civilizatórios moldados na Europa e combaterem costumes africanos e afro-brasileiros. Algumas das mudanças que ocorreram no período que ele viveu foram a instalação da energia a gás, água encanada que ele era cliente, criação de alguns hospitais, construção de cemitérios, a cidade estava se higienizando e civilizando.

Domingos Sodré foi denunciado ao chefe de polícia por um funcionário da Alfândega, o José Egídio Nabuco que o acusou de receber por suas adivinhações e “feitiçarias” objetos roubados por escravos a seus senhores. O denunciante foi um dos prejudicados. O termo “Candomblé” foi como o chefe de polícia denominou o que existia na casa do africano. Domingos Sodré foi preso com 65 anos e encontraram na sua casa diversos objetos de feitiçaria e danças de pretos, objetos pessoais, jóias e alguns móveis que para os policiais eram roubados. Entre os objetos tidos como de feitiçaria estavam quatro chocalhos de metal, uma caixa com inúmeras figuras de pau e outros objetos como búzios e contas, uma espada de latão sem corte e sem ponta, um ferro com búzios, uma espada de pau, cuia com cal da Costa, quatorze peças de roupa com búzios. Esmiuçando as jóias foram encontradas figas, rosário e crucifixo de ouro, argolas de prata e de ouro, voltas com corais e contas de ouro. Do mesmo modo que Sodré, foram presos com ele mais quatro africanos adultos e um negro moleque, o João que era **crioulo**, e os africanos eram Elesbão, Elisia, Tereza e Delfina. Ressaltando que feitiçaria foi o nome dado pelo subdelegado para os objetos do candomblé. Feitiçaria e Candomblé para os africanos eram coisas distintas, os que praticavam o primeiro era muitas vezes punidos na África. Por isso, Reis especula que no Brasil também deveria ter as punições. Os presos foram para a Casa de Correção e os objetos de culto segundo as ordens do chefe de polícia deveriam ser destruídos, excetuando os de valor, os que possuíam metal, que deveriam ir para a chefatura da polícia. Por fim, na descrição dos móveis e adereços da casa de Sodré aparecem alguns baús que

### **Crioulo**

Pessoa que nascia no Brasil e possuía a cor preta.

ele alegou não serem dele, algumas caixas com possíveis panos da Costa, outras com as roupas de Domingos e da sua amásia, móveis de Jacarandá, relógios de parede, quadros de santos e vasos com flores nas janelas. Pelos móveis percebe-se que ele era um homem de algumas posses. No momento que foi preso vestiu a farda de veterano da independência, outro dado que corrobora com a ideia de que ele era ladino, e por isso sabia interpretar os códigos culturais brasileiros, e assim tinha conhecimento da importância da farda para o patriotismo baiano. Outra mostra que era ladino era a utilização de vasos de flores para decorar as janelas da casa, costume que foi introduzido na África após o retorno de alguns africanos que saíram do Brasil.(VERGER, 1987)

Na região que vivia Sodré, os sobrados eram alugados a africanos e esses dividiam os mesmos e alugavam a outros africanos e crioulos. Os africanos queriam viver entre os seus, o jornal o Alabama denominou esse tipo de moradia de quilombo. Domingos vivia com outras pessoas dentre elas uma escrava dele, o que torna plausível a ideia de que fosse um cortiço denominado pelos jornais de quilombo.

A Delfina presa com Domingos era Maria Delfina da Conceição, amásia e, posteriormente, esposa de Domingos Sodré. Era uma escrava de ganho que depois ficou forra. E Elisia era escrava de Domingos Sodré. Assim, as jóias descritas pelas autoridades deveriam pertencer às duas mulheres citadas, ou outras **escravas de ganho** que deixaram suas jóias na casa de Domingos por morarem lá ou frequentarem com assiduidade a residência. As ganhadeiras utilizavam jóias nos seus ofícios como o de mercadejar, pois o uso de jóias mostrava que seu negócio era próspero e por isso vendiam produtos de boa qualidade. E as figas eram amuletos e por fim, para Reis guardar dinheiro através de ouro era uma opção segura. Trataremos mais adiante dos amuletos. As mulheres além de usarem jóias, também utilizavam os **panos da Costa** nos ombros ou na cintura.



Mulher usando balangandãs

(Fonte: Lindemann, ed. – Creoula, c. 1900 In: KOSSOY, Boris & CARNEIRO, Maria Luiza T. O Olhar Europeu: O Negro na Iconografia Brasileira do Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002).

### Escravas de ganho

Pagavam ao senhor semanalmente o correspondente às suas diárias, possuíam mobilidade espacial e muitos não moravam com o senhor. Desempenhavam diversas tarefas como vendedoras, amas de leite dentre outras.

### Panos da Costa

Tecidos vendidos pelos ijebus para os comerciantes de Lagos, cidade situada na costa ocidental da África, atualmente na Nigéria, esses comerciantes vendiam para os negociantes baianos. Esses panos da Costa eram muito apreciados pela população negra, os motivos eram a durabilidade e por virem das terras que tinham nascido.





Pano - Cristiano Jr.

Os búzios foram encontrados em grande quantidade na casa do africano. As mencionadas conchas significam para a cultura africana, riqueza, poder e prestígio. Na costa africana era utilizado como moeda, em rituais de oferendas e nos jogos de adivinhação. As roupas com búzios eram dos iniciados, essas vestes mostram uma ligação de Sodré com casas de candomblé. As contas de vidro também foram encontradas em grande número. Na África, elas eram colocadas em representações de divindades e entre os humanos eram usadas por reis e pessoas que possuíam poder. Os obás iorubás tinham coroas feitas com contas e que só podiam ser usadas por eles. O deus Olokun, popular em Lagos, também era conhecido como Senhor das Contas. As citadas contas tinham finalidade decorativa e espiritual. Já no Brasil, as contas foram mais popularizadas, pois inúmeros africanos e seus filhos as utilizavam. As contas serviriam para identi-

ficar qual era a divindade protetora da pessoa, ou a quem a pessoa pertencia. Dentre os santos possivelmente havia exus, suas imagens eram chamadas de lúbricas, nos ofícios trocados com o chefe de polícia há uma menção a diabrete de ferro. Sobre o Exu, os europeus foram os responsáveis por associar o Exu iorubano e o Legba daomeano, deuses mensageiros, ao Diabo cristão. Um dos motivos é a sexualidade dos mesmos, como também pelo fato de receber oferendas para executar qualquer tipo de pedido. As imagens chamadas de lúbricas pelas autoridades colaboravam para que tivessem imagens errôneas dos ritos do candomblé.

Ainda sobre os objetos encontrados na casa do africano, a espada cega podia ser a de Ifá, e as outras espadas de outras divindades como Ogum, Xangô, Iansã, Oxum ou Oxaguiã. A cal da costa, chocalhos e os búzios eram utilizados nos ritos de adivinhação. J.J.Reis utilizando jornais da época, afirma que o método de Ifá de adivinhação era utilizado na Bahia no período que Domingos viveu.

Assim, na casa de Sodré havia grande quantidade de objetos ritualísticos, e os jornais insistiam em chamá-lo de adivinho. A abundância de materiais sugere que não era um adivinho ou curandeiro qualquer, mas talvez um babalaô, ou seja, um sacerdote de Ifá, divindade da adivinhação, senhor do destino e da sabedoria. Para contribuir ainda mais com essa hipótese, Reis menciona que ele era conhecido como papai, título atribuído para pessoas que tinham liderança no universo do candomblé; e baba era pai em ioruba do segredo, awo. Papai também era um título pertinente para uma pessoa com 65 anos, com essa idade deveria ter prestígio entre as pessoas que o procuravam. Os Babalaô só podiam ser homens, e ocupavam um cargo de extrema importância para os iorubas. Os Babalaô usufruíam de prestígio social e político, pois os iorubas recorriam a eles para saber quem eram as suas divindades protetoras e como agradá-las, também buscavam

aos adivinhos no momento que deveriam tomar decisões importantes. E todos esses elementos eram de suma importância no cotidiano dos iorubas. Para Reis, essa crença atravessou o Atlântico e chegou às terras baianas. Segundo a linguagem da época, Domingos Sodré era um grande dador de fortuna. A outra possibilidade seria que ele soubesse um jogo adivinatório mais simples, intitulado erindinlogun, associado ao Orixá Oxum, já que foi encontrado nos seus pertences vários búzios, material utilizado nesse jogo. Ou ainda, práticas adivinatórias híbridas que simplificaram o jogo de Ifá e/ou combinou com outros jogos que possuíam esse intuito. O fato é que era um adivinho afamado, e que nasceu e cresceu em um lugar, que a adivinhação era fundamental nas esferas social e política. Lembrem-se que ele chegou na Bahia com mais de vinte anos. Desse modo, teria aprendido vários elementos desses jogos de adivinhação ainda na África e outros nas terras brasileiras. Outra possível invenção afro-brasileira seria a do babalorixá exercer a tarefa do babalaô.

Entre os objetos descritos de Domingos havia quadros de santos. E lembremos que ele fazia parte de uma irmandade. Além desses elementos, recordem que ele batizou crianças e casou duas vezes na Igreja Católica. Portanto, além da devoção aos orixás, também foi católico. As crenças para ele se complementavam.

Reis também encontrou indícios de Domingos Sodré liderando festas de candomblés lideradas por mulheres. Isso indica que era respeitado, pois os líderes dos terreiros se consultavam com ele. O fato de residir em uma área urbana, próxima a conventos, fez com que ele preferisse apenas dar suas consultas, assim não despertaria a atenção das autoridades como despertava as festas com os tambores. Saliento que as reuniões na casa do nosso adivinho ocorriam às terças e sextas e o chefe de polícia mandou prendê-lo em uma sexta-feira.

Além dos ritos de adivinhação, Domingos era especialista nos feitiços contra os senhores de escravos. Os escravos buscavam esse serviço com o intuito que seus senhores diminuíssem a brutalidade usada com eles e até mesmo conseguir a alforria, utilizavam ervas, raízes entre outros. Assim, surgiu o chá amansa senhor. Dentre as plantas usadas tínhamos a erva-da-guiné que causa sonolência, entretanto, ingerindo grandes quantidades pode causar a morte. Outra planta usada para amansar o senhor era o Mulungu que é comum nas terras sergipanas, por conta disso, deu nome a um engenho em Laranjeiras, e também serviu de sobrenome para um famoso quilombola sergipano, João Mulungu. (JESUS, 2008) Era comum que os escravos incorporassem os sobrenomes dos senhores ou nomes das suas propriedades aos seus nomes, mas pergunto: teria sido apenas esse motivo que fez o quilombola que possuía um currículo vasto em fugas ter incorporado o nome Mulungu ao seu nome? Deixo para o leitor a(s) resposta(s). Também é sabido que em Sergipe existiram senhores que morreram envenenados por suas escravas, as cozinheiras. Teria um sacerdote recomendado um amansa senhor?

Além de receitar ervas e outros elementos para amansar os senhores, esses líderes religiosos e/ou curandeiros também receitavam ervas para que os escravos simulassem doenças e assim não trabalhassem, ou ainda diminuíssem seus valores para a obtenção da alforria. Por conta dessas ervas, tinham febre dentre outras enfermidades. Em Sergipe, na transição dos setecentos para os oitocentos, Muniz de Souza noticia que os feitores não acreditavam quando os escravos diziam que estavam doentes (SOUZA, 2000). Talvez os feitores soubessem da existência de beberagens ou chás que os escravos ingeriam para simular doenças.

Além do Domingos Sodré, na Bahia Oitocentista, havia muitos libertos, africanos e brasileiros, chamados de feiticeiros nos documentos oficiais e na imprensa, os adivinhos, curandeiros e chefes de casas de culto. Especialistas em proporcionar a felicidade no amor, nos negócios e em amansarem os senhores. Na segunda metade dos oitocentos já havia casas de culto e ainda havia as práticas ritualísticas domésticas. As primeiras eram majoritárias nas periferias, locais que a vigilância seria mais amena e os cultos domésticos eram frequentes nas cidades. Nos candomblés havia festas com comidas e bebidas, inclusive os mortos importantes da comunidade africana eram assim festejados. Nesses ambientes havia mais de 50 pessoas, entre homens e mulheres; africanos e brasileiros; escravos e libertos. Ressalto que os homens eram maiorias nos cargos de autoridade do candomblé da época, dos 86 especialistas encontrados, 54 eram homens e apenas 32 mulheres.

Essas casas de culto, bem como seus líderes foram alvo de perseguição sistemática através dos jornais e da polícia baiana. O jornal *Alabama* foi o que mais denunciou os candomblés, mencionando aonde ocorriam e até mesmo o envolvimento de autoridades. E, as autoridades se desentendiam por conta dos candomblés, pois alguns acreditavam que eram melhor negociar. Os mais próximos da população como os subdelegados e o Chefe de Polícia, como o João Antônio de A. F. Henrique, queriam reprimir as práticas afro culturais. Os policiais receavam porque os candomblés aglutinavam pretos e essas reuniões poderiam ser perigosas para a paz nas senzalas. E por conta disso alguns feiticeiros foram deportados, pois não podiam acusá-los de crime e havia o temor de uma insurreição como a dos malês. Outro elemento que causava temor na polícia era o fato do candomblé não ser somente de africanos, atingindo crioulos e até mesmo as pessoas livres e brancas. Todavia, a maioria das pessoas que frequentavam eram os africanos e seus descendentes. A população também se dividia no que se referiam aos candomblés, alguns frequentavam, outros toleravam, alguns tinham receio e por fim havia os que denunciavam. Ocorreu uma disseminação do candomblé por outros setores da população, inclusive brancos de alguma estatura social.

As práticas religiosas de matriz africana foram esquecidas da Constituição de 1824, que pontuava a religião católica apostólica romana como a única oficial. No entanto, por conta de europeus de outras religiões, eram tolerados outros cultos desde que não ocorressem publicamente, ou ainda que não ferisse



a religião católica nem os bons costumes. As punições para os que infligiam variavam entre prisões de até 40 dias e multas. Na Bahia foram publicadas várias posturas que proibiam o toque dos tambores e as justificativas eram as bebedeiras, as desordens e os escravos que não cumpriam com suas tarefas. E as práticas dos sacerdotes que não se enquadravam nas ditas desordens eram enquadradas em outras penalidades, como a de receber objetos roubados. Esse foi o episódio ocorrido a Domingos Sodré, ou estelionato como foi o caso de Juca Rosa, como veremos posteriormente.

Nas repressões eram presos e destruídos os instrumentos referentes aos cultos, conforme foi realizado com os de Domingos Sodré. O adivinho e as outras pessoas detidas com ele ficaram presos na Casa de Correção, localizada no forte Santo Antônio. Da residência de Sodré para a mencionada prisão, era uma longa caminhada em que os presos eram expostos. Os escravos que foram encontrados com o africano foram castigados com palmato. E o líder religioso foi solto da Casa de Correção, após assinar um termo de obrigação onde afirmava que não iria mais fazer seus ritos e que caso desobedecesse a punição seria deportado para a Costa da África. Há indícios que Domingos Sodré teve a proteção do Dr. Albuquerque enquanto esteve preso, o bacharel foi advogado em outra causa do Domingos Sodré. E alguns sacerdotes tiveram proteção de pessoas influentes pelo fato de alguns deles participarem dos ritos religiosos. O recurso da deportação foi utilizado na Bahia para afastar alguns líderes religiosos da cidade. Os africanos libertos Grato e Constança foram alguns dos sacerdotes que foram presos e deportados para a Costa da África. Entretanto, Domingos Sodré possivelmente continuou exercendo suas atividades em terreiros de outras pessoas. O candomblé resistiu à repressão imposta pelos jornais, policiais e Igreja Católica. Domingos Sodré morreu em Salvador, nas vésperas da abolição, em 1887. E como fazia parte da Irmandade do Rosário da rua do João Pereira foi enterrado no carneiro que pertencia à dita Irmandade.

## **CONHECENDO UM SACERDOTE NA CORTE: O JUCA ROSA**

Passaremos agora a descrever alguns dados da vida e das práticas de Juca Rosa e seremos guiados por Gabriela Sampaio no seu livro “Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte Imperial” que se debruçou sobre o famoso sacerdote que atuou na segunda metade do século XIX na Corte. Para interpretar os indícios da vida do famoso sacerdote, também utilizou as obras de autores que pensam o mundo Atlântico como John Thornton, e dos etnógrafos que estudaram o candomblé no início do século XX como Edison Carneiro e Artur Ramos, pois a autora encontrou algumas semelhanças nas práticas

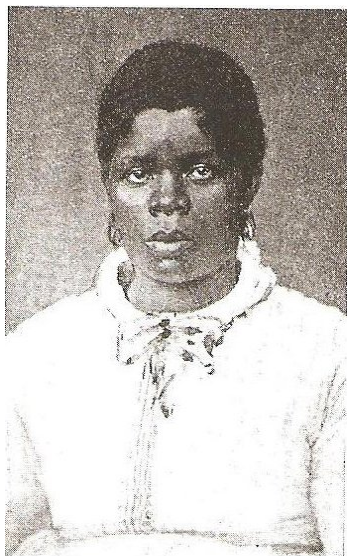
realizadas por Juca Rosa com as do Candomblé e da Umbanda no alvorecer do XX. Ressalta-se que ao buscar obras de africanistas, a autora tenta identificar os elementos que foram re(criados) e transformados.



Juca Rosa  
(Fonte: SAMPAIO, Gabriela. Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009).

Juca Rosa, também conhecido como Pai Quilombo, nasceu no Rio de Janeiro em 1833, filho de mãe africana, a Joana Maria Rosa e de Lázaro José Gonçalves. Possivelmente aprendeu algumas das suas práticas religiosas com sua mãe, como também com outras pessoas mais velhas e em visita a Bahia. Tinha três filhos, dois deles com uma de suas “filhas”, a Henriqueta, e outro com a sua primeira esposa. Casou duas vezes. O primeiro casamento foi realizado na Igreja Católica com Felicidade Perpetua de Jesus e o segundo no gongá com Maria Thereza, conhecida como Mariquinha da Europa. Era classificado como inteligente e antes de ser um sacerdote foi alfaiate e cocheiro. Já há notícias em 1860 de uma associação religiosa que ele liderava e que possuía inúmeros adeptos, dentre esses estavam escravos, libertos, imigrantes, prostitutas, capoeiras, pessoas das classes subalternas, como também da classe abastada, grandes figurões políticos e mulheres ricas e luxuosas. Sua fama atravessava fronteiras e chegava ao Pará e segundo alguns até na Europa. O sacerdote carioca aparecia publicamente com jóias, usando relógio e bem vestido, e as mulheres o achavam um homem

interessante. Nos rituais ele se vestia com camisa branca e com calça de veludo azul, e na calça tinha franjas prateadas. Nas suas vestimentas também continha um gorro que da mesma maneira que a calça era de veludo com franjas prateadas. Juca Rosa fez uma viagem à Bahia em 1870, que durou alguns meses, o intuito da viagem foi fazer uma limpeza espiritual.



Filhas de Juca Rosa.

(Fonte: SAMPAIO, Gabriela. Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.p.68).

Juca Rosa foi aprisionado em 1870, o processo foi movido por uma denúncia anônima e foi acusado do crime de estelionato. A pessoa que fez a denúncia conhecia a legislação e por isso o denunciou pelo crime citado, já que práticas de outras religiões no âmbito privado não era crime. Nesse período já era conhecido na capital do Império e possivelmente considerado um dos religiosos mais importante, inclusive conhecido pela polícia. Ressalta ainda que havia outros feiticeiros no Rio de Janeiro Oitocentista. Essa fama que permitiu o sacerdote ganhar dinheiro, também possibilitou que ele contratasse um dos advogados mais competentes e caros, Filipe Jansen de Castro Albuquerque. O processo de Juca Rosa ocorreu no momento que a Corte debatia a Lei do ventre-livre. Juca Rosa foi condenado em Julho de 1871 a seis anos de prisão por estelionato. Seu julgamento foi bastante disputado, acompanhado por inúmeras pessoas, e por isso um grande contingente de policiais foi convocado. Dentre as pessoas presentes estavam negros e brancos, pobres e possivelmente por algumas das classes abastadas, pois queriam se certificar que seus nomes não foram citados no processo, homens e mulheres, por fim, por pessoas que eram adeptas da sua associação e por curiosos.

José Sebastião da Rosa tornou-se um poderoso feiticheiro, e uma das suas especialidades era resolver problemas amorosos. Através dos seus feitiços suas filhas arrumavam homens e algumas delas amásios endinheirados. Essas cediam dinheiros as suas amásias e elas ao Juca Rosa. Juca Rosa também prometia dinheiro e ainda curava as pessoas de problemas físicos, como feridas nos braços e nas pernas. Saliento que boa parte das suas filhas eram também suas amantes, pois prometiam entregar a ele o espírito e o corpo.

O fato de ser um negro que acumulou dinheiro incomodava a sociedade paternalista e racista, do mesmo modo o fato de ter várias amantes, e de se envolver com mulheres brancas. O que para alguns podia servir de mau exemplo para as pardas e negras que também podiam querer imitá-las. Todavia, possivelmente ele possuía brancas, pardas e principalmente negras como amantes. Ressaltando que suas mulheres sabiam que ele tinha várias amantes, mas acreditavam que teriam benefícios entrando na religião do mesmo. Davam a ele dinheiro e jóias. Havia ainda o discurso que ele adotava práticas imorais e por fim o de ser um feiticheiro e que curava pessoas.

A história de Juca Rosa começou a circular nos jornais, principalmente após a sua prisão e deu lucro para os mesmos, incluindo os que o difamavam. O Diário de notícias teria vendido 11 mil exemplares divulgando o caso do Pai Quilombo. Os jornais noticiavam seu envolvimento espiritual e sexual com as mulheres, essas sendo casadas e solteiras, negras e brancas, ricas e pobres. Os jornais se dividiam entre os que denunciavam Juca Rosa, destacando o Diário de Notícias e os que mencionavam que ele não existia e que seria uma invenção do Jornal mencionado. As histórias sobre Juca no Diário de Notícias pareciam folhetim, escritas em diversos capítulos e sempre anunciando novas informações no número seguinte. As informações sobre Juca Rosa eram alimentadas por denúncias de pessoas que segundo o jornal não tinha coragem de ir à delegacia e prestar um depoimento. Sampaio especula que talvez fosse o delegado que fornecesse as informações, devido ao fato do jornal sempre fazer elogios a ele. Talvez o delegado visse no jornal uma maneira de se promover. Da mesma maneira que ocorreu na Bahia, os jornais denunciavam o envolvimento de autoridades com o sacerdote e por isso defendiam que Juca Rosa seria absolvido das suas acusações, já que possuía poderosos contatos e estes eram fiéis ao pai de santo e fariam de tudo para livrarem e evitarem que seus nomes fossem divulgados em forma de escândalos. O Segundo Delegado de Polícia da Corte foi enérgico no caso de Juca Rosa, pois ao combater o feiticheiro estaria combatendo práticas que ele considerava como imorais, por isso teria sido enérgico e pronto para ajudar na condenação do réu.

Gabriela Sampaio encontrou referências a consultas, jantares, rituais, batizados e casamentos sendo realizados na associação de Juca Rosa. As consultas ocorriam em diversas casas além da sua, pois ele também utilizava as residências das suas filhas. Assim chamadas porque Juca Rosa nas sessões era chamado de pai. Para se tornar sua filha teria que fazer um juramento com

um copo com água ou sobre o gongá, para guardar segredo sobre os rituais, e pagar uma taxa mensal de 60 mil réis, além de um banho com ervas cheirosas que tinha o propósito de limpar o corpo. Além de prometer segredo, também juravam ser fiéis ao seu pai, nos momentos de prosperidade, como também na decadência e nos problemas, e que ele seria o senhor do seu corpo e do espírito. As filhas do Pai Quibombo, chamado assim quando estava com o santo, tinham um papel fundamental na entrada de novas adeptas, pois eram as responsáveis pelo mencionado banho. Algumas mulheres venderam os móveis que guardava para entrarem na associação e eram majoritárias na associação, mas também havia homens que eram filhos de Juca Rosa.

Na sala de uma das casas que ocorria as brincadeiras tinha um altar imagens de Nossa Senhora e do Senhor do Bomfim, um crucifixo, algumas ervas, pós, vidros com líquidos, cachimbo ornamentado, miçangas, figas, contas de pedra. Possuía ainda um vaso com uma raiz com vários punhais colocados em todos os sentidos e esta raiz seria a responsável de fazer os homens fazerem o que as mulheres desejavam. Na frente do altar havia também duas esteiras de junco, para as pessoas se ajoelharem ou rezarem.

Sobre os rituais que Juca Rosa liderava, ocorriam danças, música, palmas e cantos, comidas e bebidas. As músicas em línguas africanas, os instrumentos utilizados nas brincadeiras eram as **macumbas**, o atabaque e um pandeiro. Por isso, Juca Rosa também ser chamado como o chefe das macumbas. Nesses rituais havia aproximadamente trinta pessoas e a grande maioria eram mulheres, cerca de vinte. No momento que Juca Rosa entrava na sala, os homens começavam a tocar e as mulheres começavam a dançar em roda com os pés descalços, cantando em alguma língua africana. Esse era um momento de diversão, talvez por isso o nome brincadeira. Depois ele se retirava para o quarto e retornava com as vestes já citadas, com a camisa branca e com calça de veludo azul, nela havia as franjas prateadas e um gorro que da mesma maneira que a calça era de veludo com franjas prateadas e que talvez fosse vermelho. Na cintura havia um cinto com uma bolsa presa, o que possivelmente era um amuleto. Nesse momento a música ficava mais intensa, bem como a dança. O Juca Rosa distribuía com os presentes, um copo com aguardente e vários pós misturados, denominados por ele de pemba. Algum momento depois o líder entrava em transe, dizendo estar recebendo espíritos ou um santo, como o Zuza. Saliento que ele recebia mais de um santo na mesma sessão. Em seguida caía, e seus filhos se ajoelhavam batendo palmas, e reverenciavam o seu pai, colocando a cabeça no chão. Posteriormente cada um dos seus filhos ia saudá-lo beijando a testa ou a mão do seu líder, que posteriormente era levado ao quarto novamente para dar as consultas. Nesse quarto havia animais e santos e era onde fazia suas consultas. Dentre os animais havia galos, galinhas, pombos brancos e pretos e um carneiro. Ressalta-se que alguns desses animais eram mortos para que suas filhas fizessem o jantar e todos os presentes se alimentaram nesse momento. As consultas eram feitas quando Juca Rosa estava com o

### Macumbas

Segundo o depoimento de uma das testemunhas era um instrumento de pau riscado.



espírito ou o santo na cabeça. Ao fazer uma consulta o sacerdote solicitava ao paciente oferendas para o seus santos, como animais e materiais para o altar, ou ainda dinheiro para fazer os trabalhos. Se a pessoa negasse o pagamento poderia ocorrer alguma mazela.



Percebam a roupa descrita no texto. Juca Rosa e o seu auxiliar.  
(Fonte:SAMPAIO, Gabriela. Juca Rosa: Um pai-de-santo na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.P.188).

Gabriela Sampaio ao descrever o ambiente e os rituais acaba mostrando uma divisão sexual de tarefas, que possivelmente fugiu ao seu escopo analisá-la. Pois os homens tocavam os instrumentos, as mulheres preparavam o jantar e davam os banhos de cheiro.

Sobre o amuleto que ele usava na cintura, Sampaio afirma que os feiticeiros da região do Congo e Angola usavam bolsas onde carregavam ervas. Os rituais feitos por Juca tinham grande semelhança com os do Bakongo. Esses cultuavam os nkisi, uma força invisível dos mortos que pode ser dominada pelos vivos através de rituais. Nos rituais há instrumentos, o uso de roupas especiais e o objeto onde se “guarda” o nkisi pode ser uma bolsa, como a que Rosa transportava.

Novamente para Sampaio, esses rituais são próximos aos que existiam no Reino do Congo, onde existiam cerimônias com os elementos citados e também acreditava que os espíritos dos mortos podiam ajudar ou punir seus descendentes. E o feiticeiro, o ndoki, tinha poderes para dialogar e evocar os espíritos. E os feiticeiros para atingir seus objetivos podiam causar doenças por meios espirituais. Nesse contexto os ritos coletivos eram de suma importância, pois nesses ritos os feiticeiros podiam retirar doenças



e infortúnios das pessoas. Assim, havia semelhanças entre Juca Rosa e um ndoki. Todavia, Sampaio não descarta a possibilidade de influências de africanos ocidentais nas cerimônias de Juca Rosa, principalmente pós 1850 quando africanos foram deslocados do Nordeste para o Sudeste. Como também a existência de práticas religiosas católicas.

Sobre os banhos com ervas, tinham a função de purificar a pessoa, limpeza do espírito. Dessa maneira a pessoa estaria preparada para entrar na associação. O corpo não estaria dissociado do espírito. E novamente é possível semelhanças com ritos que ocorrem na África Central, pois lá também há ritos que utilizam as ervas. Lembrando que esse rito era para as pessoas se iniciarem, mas o próprio Juca Rosa teria ido a Bahia se purificar.

Juca Rosa recomendava para os seus adeptos o uso dos breves, e enquanto usassem os breves não deveriam fazer nenhum ato que fosse proibido, incluindo atos sexuais. Esses breves eram objetos avaliados como sagrados, e eram usados junto ao pescoço para livrar de malefícios. Os amuletos eram muito comuns naquela época e os breves tinham diversas origens: ameríndia, portuguesa e africana. Vimos que na casa de Domingos Sodré havia duas figas, possíveis amuletos. O termo mandinga vem de mandingos, um dos primeiros povos africanos a virem para o Brasil, provenientes da região da Senegâmbia, atual Senegal, África Ocidental. Muitos foram convertidos ao Islamismo e carregavam pacotes pequenos com versos do Alcorão junto ao corpo. No Brasil, esses saquinhos de pano, além de versos, podiam ter rezas, pedras e raízes. E voltando ao pai de santo da Corte ele fazia esses patuás e vendia aos negros e demais pessoas para a proteção de doenças, quebrar feitiços e dar a felicidade. Sharyse Amaral ao estudar uma comunidade africana em Laranjeiras encontrou na casa de uma africana, Isabel Guaraná, uma mão encastoadada de prata e um alicorne encastoadado de ouro, para a autora possivelmente seria uma figa e chifre, que cumpririam a função dos conhecidos amuletos. (AMARAL, 2007)

A compreensão do significado de algumas palavras também ajudam na compreensão dos mecanismos religiosos do nosso sacerdote e as influências que teve. Consultando dicionários ela afirma que quibombo seria pai-de-santo e o termo se refere a quimbanda que teria por sua vez, vários significados dentre eles, sacerdote de culto. Examinando Artur Ramos ele ainda pontua que os quimbandeiros seriam feiticeiros que se vestiam de maneira especial e usavam amuletos. E macumba seria um instrumento semelhante ao reco-reco. Também sondando o dicionário banto do Brasil, de Nei Lopes, encontrei o significado de gongá que também tem vários significados, mas os sentidos que mais se aproximam das descrições das testemunhas é o de cesto com tampa, ou um sacrário onde se guardavam relíquias da pátria, por fim é o nome do altar da umbanda e do lugar que fica o mesmo altar. Assim faria sentido casar-se no gongá, sendo um espaço ou um altar, ou jurar sobre o mesmo o segredo da religião. (LOPES, 1993-95) Em suma, através das palavras percebe-se uma aproximação com

as culturas de origem bantu, já que as palavras citadas possivelmente são provenientes do quicongo e quibundu.

Slenes trabalhou a formação de uma identidade no cenário rural do sudeste brasileiro e defende a formação de uma proto-nação bantu nas zonas rurais daquela região no século XIX, sobretudo na primeira metade. Essa identidade se formou dentre outros motivos em virtude do número de africanos que existia na região, como também pela periódica entrada de africanos o que aproximava os que aqui viviam dos que estavam na África. Para poder mostrar a formação dessa identidade ele recorreu a alguns vocábulos falados no Brasil como Malungu, Kalunga, Ngoma para apontar como os povos falantes do Kimbundu [Língua falada na região da Província de Luanda], Kikongo [ Língua falada na região entre o rio Dande até ao norte de Loango] e Umbundu [Língua falada na região de Benguela] se entendiam entre si, e falavam uma língua comum. Os significados das palavras eram próximos e tinham praticamente os mesmos sentidos cosmológicos e os senhores não compreendiam esses significados. Nas senzalas do centro-sul brasileiro eram faladas duas línguas: uma franca baseada no kikongo, umbundu e kimbundu e outra crioula baseada no português regional (SLENES, 1991/92). Talvez essa também tenha sido a realidade do Rio de Janeiro Oitocentista, assim os africanos e seus descendentes entendiam esses vocábulos.

A outra especialidade do sacerdote Juca Rosa, além de proteger, era a amarração, que consistia em conquistar homens, preferencialmente ricos e enamorados, ou ainda manter as mulheres unidas aos seus amados. Nessas cerimônias estendia-se um pano branco no chão e por cima um vermelho e um preto em formato de cruz. Além dos panos, pequenas quantidades de milho, dendê que serviriam de oferenda para os santos. E ainda eram utilizados animais, o galo ou um peixe que eram também sacrificados para os citados santos, como se estivessem representando os seus amados. O sangue do animal era passado no corpo da pessoa que solicitava o amante.

Os sacrifícios eram feitos com a intenção de transferir a vida para algo que não a possui. Seria a manipulação da força vital do animal para ser realizado o desejo. Dentre as entidades cultuadas na Umbanda e no Candomblé estaria o Exu e este seria a entidade que mais estava próxima dos ritos de Juca Rosa. A autora que está nos guiando nos ritos de Rosa, afirma isso por conta das cores dos tecidos, o vermelho e o preto, bem como os animais como o galo e as oferendas como o dendê. A utilização da Pemba e a raiz com vários punhais também indiciam o mencionado culto. O candomblé de Angola adotou o panteão dos orixás de origem Queto. Os termos utilizados remetem aos bantos, no entanto, o culto aos orixás possivelmente foi uma dessas adoções.

E para a amarração era o rito mais procurado por conta da clientela que ele tinha, maioria de mulheres pobres, negras e muitas delas prostitutas. Para

essas mulheres as possibilidades eram restritas em uma sociedade liderada por homens, ricos e brancos, assim, para conseguirem um homem rico era uma estratégia de sobrevivência ou de mobilidade social.

Além dos ritos de amarração, recomendar o uso de breves, nosso sacerdote também fazia ritos de adivinhação. No entanto, possivelmente seus métodos eram distintos dos de Domingos Sodré, pois adivinhava usando esteiras. No entanto, o método das esteiras foi visto no golfo da Guiné e era chamado por esteira de Ifá. Esse rito seria mais uma influência de outros grupos africanos.

Por fim, o nosso sacerdote também exercia o ofício de curandeiro, citamos anteriormente que as pessoas o procuravam para curar feridas. A consulta por um mal físico que para Rosa teria motivações espirituais como um feitiço podia custar 30\$000 reis. Segundo Sampaio o mesmo valor de uma consulta de um médico, o uso do breve podia livrar a pessoa desse problema. A perda de uma pessoa amada, bem como uma doença, ou ainda a falta de dinheiro teriam motivações espirituais, e assim deveriam ser resolvida, através dos espíritos. Ao fazer oferendas para os santos e espíritos, Juca Rosa queria curar todos os males, espirituais e físicos. Todavia, o pai-de-santo também recomendava o uso de pomadas como as feitas com azeite e beberagens, esses elementos associados aos rituais já mencionados curariam as pessoas. As pessoas acreditavam no poder de Rosa, inclusive para desfazer feitiços de outros, pois confiavam que a manipulação do sobrenatural realizaria tanto o bem e o mal.

Sampaio, ao analisar os elementos principais das práticas de Juca Rosa, identificou dados que remetem à cultura banto, proveniente da África Central. A autora reconhece que há especificidades no interior desse grande guarda-chuva, no entanto, que também havia elementos comuns entre as culturas da África Central. E entre os elementos comuns que ela percebeu estava a importância nos ancestrais e dos elementos da natureza, a existência de rituais coletivos, encantamentos e de líderes fascinantes. No entanto, esses elementos para o Brasil muitas vezes assumiram outros significados no contexto escravista brasileiro. A autora se preocupa com as especificidades do culto do líder Juca e seus seguidores e seguidoras, pois estavam na Corte, em um contexto de escravidão urbana e repleto de libertos, como também com as transformações ocorridas nas práticas religiosas. E convém ressaltar que as práticas religiosas, bem como os movimentos religiosos da África Central e Ocidental passavam por constantes mudanças. Ou seja, os africanos ao virem para o Brasil já carregavam consigo a experiência de transformação e em alguns casos de agregação. Para Parés, o Candomblé não é uma réplica de apenas uma tradição africana. O autor defende que o princípio de agregação do sistema religioso vodum influenciou o modelo organizacional do candomblé. (PARÉS, 2006)

E esses africanos ao chegarem no Brasil (re)criaram suas religiões, suas práticas, aprendendo com os africanos do mesmo grupo e/ou de nações distintas que já estavam nas terras brasileiras, através das suas lembranças, e

assim teriam re(criado) as suas Áfricas. Lembrando que segundo os jornais Juca Rosa teria aprendido com a sua mãe, uma africana, as suas magias, bem como pode ter trocado experiências na sua ida a Bahia.

A autora citada se apoia nas ideias de Slenes que na África Central havia crenças religiosas baseadas no complexo ventura/desventura. (SLENES, 1991/92) Dentro dessa visão o universo possui um equilíbrio, no entanto, através de bruxarias podem ocorrer doenças, e somente um bom feiticeiro podia prevenir ou retirar malefícios e manter o mencionado equilíbrio. Esses malefícios adquiridos através de maus pensamentos seriam retirados nos rituais coletivos, convocando os espíritos dos antepassados que ajudariam aos vivos. Sampaio, citando Edison Carneiro, pontua que os orixás eram chamados de santos pelos bantos, bem como a existência de diversos animais.

Enfatiza-se que havia várias nações distintas de africanos que viviam no Brasil, falavam línguas distintas e que possuíam cultos diferenciados. Mas que em algumas situações se relacionavam. Recordando que o Juca Rosa foi para a Bahia na segunda metade dos Oitocentos, onde os cultos iorubas ou nagôs eram majoritários.

No altar de Juca Rosa havia santos católicos e elementos de religiosidades africanas. Concordado com Karash, Sampaio menciona que os negros do Rio de Janeiro associavam os santos católicos aos orixás. Nesse contexto os santos também se transformavam em amuletos, protegendo os negros, mesmo que não fossem católicos. Vimos que Domingos Sodré adorava os orixás e os santos. Assim, ao analisar os trabalhos religiosos de Juca Rosa, encontram-se elementos africanos centro-ocidentais e iorubanos e de um catolicismo popular. E essa junção de elementos, bem como a noção de religião era comungada por vários negros. Faz-se necessário pontuar também que alguns elementos das práticas de Rosa foram provenientes da sua personalidade e do contexto que vivia, como por exemplo, o envolvimento peculiar que ele tinha com suas filhas.

Juca Rosa teve várias mulheres como vários africanos tiveram, algumas delas eram prostitutas, era curandeiro como alguns que nasceram na África foram, cuidava dos maus do corpo. Todavia, um líder religioso com envolvimento espiritual e sexual com as suas filhas, cultuando entidades ligadas à sexualidade, mas que também recebia influências da cultura banto e católica, e que possuía uma associação que aglomerava homens e mulheres só poderia ter existido no Brasil. Por fim, o sacerdote foi perseguido, preso e condenado na Corte.

### **NOTÍCIAS DE RITUAIS AFORRELIGIOSOS NAS TERRAS SERGIPANAS**

Conforme havíamos prometido também iremos elencar alguns dados sobre o candomblé nas terras sergipanas no final dos Oitocentos, mais especificamente sobre Laranjeiras. Ressaltamos que são poucos os trabalhos

que abordam a temática para as terras sergipanas no período citado. Mãe Bilina, neta de africanos, entrevistada por Beatriz Dantas, mencionou que o primeiro terreiro de Laranjeiras foi criado no século XIX. O líder seria Ti Henrique e a sede na rua do Cangaleixo e que posteriormente teria sido transferida para um sítio na Comandaroba com Ti Herculano. (DANTAS, 1989) Sharyse Piroupo Amaral, ao estudar uma comunidade africana do final dos Oitocentos, encontrou um africano chamado Herculano Barbosa Madureira que, através do cruzamento de fontes, ela deduziu que seria o Ti Herculano que era casado com Bernada. Ele tinha um sítio no Engenho Comandaroba, e segundo os avaliadores do sítio havia um vão que para Piroupo poderia ser o salão que Bilina se referiu, pois alcançou o Ti Herculano e dançou no salão quando criança. Nos fundos do sítio estava o rio Cotinguiba. Herculano foi escravo de José Nunes Barbosa de Madureira e ficou forro aos 40 anos, pagando 800 mil réis por sua alforria. Como já foi mencionado anteriormente os escravos adicionavam os nomes dos seus senhores aos seus. Herculano faleceu em 1907. Seus bens foram avaliados em 2 contos e 66 mil réis, o que indica que os seus serviços religiosos também possibilitaram a ele ter alguns bens. Além do sítio, tinha outras casas e outro sítio e não morreu endividado como grande parte dos africanos. (AMARAL, 207)

Segundo Bilina, o terreiro que ela era líder, o Santa Bárbara Virgem, fazia três festas tradicionais: a do corte do inhame, em setembro; o festejo de Ogodô, que ocorria em outubro; e, por fim, a de Iansã, no Carnaval. A primeira abria o calendário de festas e liberaria os filhos para consumir a referida raiz. Piroupo Amaral encontrou indícios da existência dessa festa em 1885, pois Bibiana, outra africana, pagou dois trabalhadores para cortar inhame e não os consumiu, pois ficaram guardados na casa de Henrique. A Bibiana faleceu em outubro, assim os inhames poderiam ter sido colhidos em setembro. Essa africana, quando ficou doente se tratou com o possível Ti Henrique, e morou na casa dele por um tempo, possivelmente com a avó de Bilina, Isméria. O fato de Henrique ser um sacerdote explicaria o motivo de Bibiana ter se tratado com ele. Talvez da mesma maneira que os que procuravam Juca, os africanos acreditavam que as doenças tinham causas espirituais. Ressalta-se que Isméria e Henrique eram malungos, ou seja, companheiros de travessia do Atlântico. Por fim, uma preocupação constante dos africanos era com os seus enterros, alguns revelaram que desejavam ser enterrados pelos costumes da sua terra, outros elegiam outros africanos para serem responsáveis pelos seus enterros. (AMARAL, 2007) Ou seja, havia ritos específicos, que requeriam que pessoas que soubessem fazer os ditos ritos os fizessem mesmos.

O pároco Filadelfo Jônatas de Oliveira narra sobre a devoção a Santa Barbara em Laranjeiras, possivelmente no século XIX. Essa devoção era dos africanos e seus filhos. Menciona algumas informações sobre os rit-

uais, como o sacrifício de animais e a utilização do sangue de carneiro e de galo. As danças do Candomblé durariam sete dias ou oito dias. E havia pessoas que desmaiavam, talvez estivessem em uma espécie de transe. Ele também menciona que os cantos do candomblé são monótonos e tristes. (OLIVEIRA, 2005)

Os jornais também denunciaram os “curandeiros” em Sergipe como também a relação de autoridades com os ditos curandeiros. Pois em 1882, o jornal do abolicionista Francisco José Alves, o Libertador, mencionou que havia um curandeiro que via na bacia com água o rosto da escrava que fez feitiços contra o secretário. O citado curandeiro teria fechado o corpo da autoridade e em troca queria liberdade para poder curar nas terras sergipanas. (AMARAL, 2007) Ou seja, através da notícia percebe-se que o curandeiro fazia adivinhações e rituais de proteção à pessoa, poderia até recomendar o uso de amuletos. Por fim, que um feitiçeiro poderia retirar os feitiços elaborados por outros. O curandeiro poderia não ser negro, mas a notícia faz referência a uma escrava que teria feito um feitiço. Teria feito a citada escrava um amansa-senhor? Enfatizamos que as práticas afrorreligiosas nos Oitocentos em Sergipe é uma estrada a ser percorrida pelos historiadores. E que há indícios como a referência a uma rua em São Cristóvão chamada de Pai Tomé. (SANTIAGO, 2009) Quem terá sido este pai? Esta nomenclatura é bastante sugestiva.

## CONCLUSÃO

Ao estudar essas práticas religiosas dos africanos e seus descendentes percebe-se a influência de várias práticas que contribuíram para o atual Candomblé e a Umbanda. Assim como as especificidades e as transformações que existiram em grande parte do território. No entanto, alguns líderes religiosos do início do século XX buscaram as raízes africanas para legitimar suas práticas, defendendo a existência de um purismo e continuidade de um nagô. (DANTAS, 1998) Outro aspecto importante é a convivência de várias religiões distintas, a associação de várias crenças e como os africanos e seus descendentes reinventaram suas áfricas no Brasil, através das suas práticas religiosas. Enquanto alguns africanos adivinhavam com búzios outros usavam esteiras. Uns se especializaram na arte de conquistar maridos e amasios, outros na arte de amansar senhores. Todavia, ressalto que também havia ritos semelhantes como o do Corte do inhame, boa parte dos africanos em Salvador estavam envolvidos com esse cultivo, pois além de fazer parte da sua dieta alimentar, os citados inhames também poderiam ser usados em práticas religiosas. E os três líderes religiosos citados desempenhavam papel de liderança entre os seus e conseguiram acumular algum capital.



**RESUMO**

Os africanos trouxeram suas crenças e ritos religiosos. No Brasil, essas crenças e ritos foram agregados a outros rituais que já existiam de outros africanos, como também a cerimônias católicas. E, dessa maneira surgiram várias práticas religiosas como foram as de Domingos Sodré e Juca Rosa. Os dois sacerdotes eram famosos nas suas localidades e ressaltamos que ambos conviveram com inúmeros líderes religiosos, o que demonstra o poderio dos dois. Os dois líderes citados tinham funções distintas nas suas religiões, e possuíam especialidades diferentes, o primeiro amansava senhores e o segundo conquistava amores. A história dessas práticas religiosas é marcada por repressões, no entanto, com algumas mudanças sobreviveram e contribuíram para a formação de religiões que atualmente são conhecidas como o Candomblé e a Umbanda.

**ATIVIDADES**

1. Pesquise sobre o candomblé de Ketu, o de Angola e sobre a Umbanda. E escreva um texto pontuando as semelhanças e as distinções que têm. No mesmo texto insira elementos que você conseguiu identificar que Domingos Sodré ou Juca Rosa já praticavam.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Nesta atividade o aluno deverá perceber as diversas características das chamadas religiões afro. O livro Candomblé de Caboclo de Jocélio Santos poderá ajudar, bem como o texto de Ordep Serra, A Caminho de Aruanda, publicado na revista Afro-Ásia.

**PRÓXIMA AULA**

Na próxima aula veremos algumas características do Candomblé no século XX.

**AUTOAVALIAÇÃO:**

Conseguí perceber a diversidade religiosa dos africanos e seus descendentes? E apontar as repressões sofridas por praticantes do candomblé?



## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sharyse Piroupo. **Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe**: Cotinguiba, 1860-1888. 2007. 272f . Tese (Doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador
- DANTAS, Beatriz Góis. **Vovô nagô, papai branco**: usos e abusos da África no Brasil, Rio de Janeiro, Graal, 1998
- JESUS, Ana Carla. **Construindo a liberdade**: entre conflitos e alianças, quilombolas (re) inventam sua história na região da Cotinguiba (1870-1879).2008. Monografia (graduação em história) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2008.
- OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. **Registro dos fatos históricos de Laranjeiras**. 2 ed. Aracaju, 2005.
- PARÉS, Nicolau. **A formação do Candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. São Paulo: UNICAMP, 2006.
- REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos**. São Paulo, Corrupio, 1987.
- SAMPAIO, Gabriela. Juca Rosa: um pai-de-santo na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.
- SANTIAGO, Serafim. **Anuário Christovense ou Cidade de São Cristóvão**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.
- SANTOS, Edmar Ferreira. **Sambas, batuques e candomblés em cachoeira-Bahia**: a construção ideológica da cidade do feitiço. Dissertação de mestrado, Salvador,2007.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. Divertimentos estrondosos: batuques e sambas no século XIX. In: SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos (orgs.). **Ritmos em trânsito**: sócioantropologia da música baiana. São Paulo: dynamis Editorial; Salvador: Programa Cor da Bahia e Projeto SAMBA, 1997, p.15-38.
- SLENES, Robert. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. **Revista USP**, 12, (1991/92)